Ano VIII — Lisboa, Outubro de 1952 — N.º 90

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO AVULSO 1$50

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
AJUDA — LISBOA
TELEFONES
Red. 36607 — Admin. 38849

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

Servir, o maior ideal



Quando Jesus Cristo começou a sua obra de doutrinação anunciando a Boa Nova através das terras escaldantes da Galileia, as multidões acorriam ávidas a escutar o Mestre que falava com autoridade, autoridade que emanava da sua vida surpreendente e exemplar. A par da admiração do povo, crescia o espanto dos doutores contemporâneos, perplexos pela sabedoria do Doce Rabi. Reconheciam que tinha nascido um Mestre de profundo saber, mas sentiam-se sobressaltados porque não se formara na sua escola, os seus sábios conceitos maravilhavam pelo inédito, pela transcendência da doutrina que ultrapassava tudo o que de mais belo o pensamento humano até então tinha produzido.

Segundo o conceito da época, eram grandes, poderosos, aqueles que dispunham de servos e criados, de vassalos obedientes e prontos a executar os seus mandatos. O poder e a riqueza dos senhores media-se pelo número de escravos de que dispunham; mandar e ser servido era condição de grandeza. Coisa extraordinária, porém, o Mestre, que o povo escuta com avidez, vem agora audaciosamente proclamar: — *Aquele de entre vós que quiser ser o primeiro seja o que sirva.* E, prevenindo qualquer má interpretação dos seus santos ensinamentos, apressa-se a acrescentar: — *Porque o Filho do Homem* (Jesus Cristo) *também não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate de muitos.*

Jesus Cristo, inspirando tão altos conceitos, abria no mundo uma nova Era. Servir, seria, a partir dessa hora, a maior glória, o mais alto ideal, o caminho que, apesar de diferente do caminho dos homens, seria o verdadeiro caminho da felicidade, a única solução para as grandes crises dos povos. Individual e socialmente o homem teria a felicidade e a grandeza na medida em que servisse. A prosperidade seria fruto do espírito de serviço e a guerra avassalaria a terra sempre que o egoísmo humano destruísse o ideal de servir. Tiveram os homens dificuldade em se adaptar à nova doutrina, como dificuldade tiveram em aceitar a obra de redenção. O homem gosta de ser servido, de sentir o seu semelhante prostrado a seus pés, de ver em sua volta cervicais curvas, de exercer poder e domínio. Apesar disso, porém, os grandes senhores passam ignoradamente sobre a terra e os grandes luminares da humanidade, cujos nomes enchem a terra de respeito e admiração, têm sido e são sòmente aqueles que, abraçando o ideal de SERVIR, fizeram das suas vidas um monumento ao serviço do próximo.

Mediante os conceitos admiráveis da sua doutrina, pela consagração de almas regeneradas pelo Evangelho, o Cristianismo rasgou horizontes novos à humanidade, surgindo os grandes movimentos sociais, educativos e missionários. Os hospitais, os orfanatos, as missões cristãs, os Bombeiros, a Cruz Vermelha, as Sociedades Protectoras dos Animais, o Exército de Salvação, o Escotismo, o Rotário são frutos utilíssimos do ideal de SERVIR. No firmamento luminoso da história da humanidade brilham, como estrelas de primeira grandeza, aqueles que souberam servir. Acima de todos o Mestre, O que ensinou os homens a servir *dando a sua vida em resgate de muitos.* Depois os outros, os que n'Ele se inspiraram. Alguns chamam-se: Pasteur, Roberto Koch, Pascal, S. Francisco de Assis, Florence Nithingale, Josefina Butler, Gandi, Edison, Pestalozzi, Baden-Powell, Montessori, Conde Bernadotte e William Morris. Em Portugal dão pelo nome de Infante D. Henrique, D. António Prior do Crato, João das Regras, Febo Moniz, Damião de Góis, Gil Vicente, D. João de Castro, Avelar Brotero, Sousa Martins, João de Deus, padre António de

(Conclui na 2.ª página)

Analfabetismo de Espírito

Refere um relatório da «Unesco», ora publicado, que 1.200 milhões de pessoas — metade da população do mundo — não sabem ler nem escrever. Custa a compreender que, em meados do século das luzes e das grandes realizações humanas, não se tenha conseguido fazer desaparecer essa herança dos homens das cavernas e subsistam à face da Terra tantos milhões de homens imersos na obscuridade do analfabetismo, desligados dessa fonte sublime do saber que é a leitura. Grave e deprimente problema da Humanidade.

Porém, se é angustiante este panorama do mundo de hoje, não o é menos o que nos oferecem os analfabetos de espírito que, na feliz definição de Vargas Vila, não são os que não sabem ler, mas os que não sabem o que lêem. Para esses, os livros assemelham-se a preciosos raios de luz que penetram na vacuidade de uma casa abandonada.

Assegura a «Unesco» que ainda faltam muitos anos para que o analfabetismo seja debelado. Perguntamos: e o analfabetismo de espírito terá alguma vez resolução?

O que o cinema nos oferece

Noticiam os jornais que no último festival de Veneza, nos 32 filmes que ali foram apresentados, aparecem 26 cadáveres, 18 assassinos, 3 loucos furiosos, 3 suicidas, 135 alcoólicos, um mártir, um sádico e 13 maníacos atacados de loucura mansa.

Se nos lembrarmos de que as fitas levadas ao certame de Veneza são as de maior categoria, ficaremos sabendo que as plateias de grande parte do mundo vão sofrer a nefasta influência deste rol de misérias humanas.

Clamam, desde há anos, os educadores contra a depravação que o mau cinema vai disseminando, especialmente nas crianças, tão permeáveis à sua atracção. No entanto, talvez por inconcebíveis interesses que

(Conclui na 2.ª página)

Servir, o maior ideal

(Conclusão da 1.ª página)

Oliveira, Pastor Diogo Cassells, nomes ao acaso entre muitos que souberam servir.

Hoje, mais do que nunca, o mundo precisa de homens que bem sirvam. Será no ideal de serviço que a humanidade encontrará a solução dos seus grandes problemas. Só através do espírito de serviço poderá desaparecer a fome, a miséria, a inquietação e a guerra. Porque SERVIR não é apenas, como precipitadamente se pode julgar, trabalhar por conta de outrém. Quantos empregam a sua actividade ao serviço de terceiros sem, contudo, servirem. Para servir é indispensável o sentido da vocação, e só há vocação quando há amor pela obra, quando se descobre o elemento útil, humano, do cargo que se ocupa, da missão que se desempenha, do labor que se exerce; quando se tem a consciência de que se está ao serviço da comunidade e nesse serviço se coloca todo o entusiasmo e saber.

Aquele que cava a terra sabendo que cada vez que a enxada remove um torrão está preparando a leiva que irá produzir pão para si e para os seus vizinhos, e por isso mesmo se apura no esforço, está bem servindo. Bem serve o operário que tece com carinho a manta que irá agasalhar o pobre. Bem serve também o industrial que monta diligentemente poderosa maquinaria que irá produzir conforto e dar pão com abundância e não regateado aos seus cooperadores. Serve e serve muito bem o médico que socorre o enfermo sem inquirir das suas posses e não esmorece no afã de o roubar ao sofrimento quando descobre que este só tem gratidão para lhe retribuir. Serve — e com que desvelo — o mestre-escola que no desconforto de terra sertaneja, sem esperar honra nem recompensa, vai lançando luz nas almas das rudes criancinhas da aldeia. O missionário que, afastado do conforto da civilização, busca, através do sertão inóspito, almas para regenerar, bem serve. Bem servem todos aqueles que para além do lucro, do interesse, procuram contribuir de alguma forma para o bem-estar da humanidade.

A ambição de bem servir é a única ambição justa e aquela que engrandece o homem. Servir e servir bem é o único título imperecível de nobreza. O ideal capaz de galvanizar uma vida e conduzi-la pelos caminhos gloriosos do triunfo. Os outros ambiciosos, aqueles que querem ser servidos, que buscam só riquezas e poder, não têm nome ou se chamam Neros, Torquemadas, Hitleres e os seus nomes dão-se aos cães. Buscaram glória, acharam ignomínia.

Porém, os que quiserem ser grandes terão de servir. Foi essa a sentença do Divino Mestre. Os apóstolos retiveram a lição, tomaram o ideal de servir, e os seus nomes cobriram-se de glória. Sirvamos nós também. Seja esse o nosso ideal. Ele é o imperativo da Promessa Escoteira. **Servir** e **O Melhor Possível.** Servir e servir bem.

O sr. Comandante Henrique Tenreiro

e dois funcionários superiores da Colónia Infantil Dr. Teotónio Pereira, receberam as medalhas com que os Escoteiros de Portugal os agraciaram

No passado dia 28 de Setembro, com a farta assistência de cerca de 150 escoteiros de todos os grupos de Lisboa, efectuou-se no Forte das Maias (Colónia Infantil Dr. Teotónio Pereira), local onde se realizaram as reuniões internacionais de escotismo em 1950, a cerimónia da entrega das medalhas que a Associação dos Escoteiros de Portugal concedeu ao Sr. Com.te Henrique Tenreiro e aos funcionários superiores daquele estabelecimento Sr.ª D. Maria da Assunção Azambuja Cardoso e Sr. Manuel Augusto Barreiros, respectivamente directora e administrador da Colónia, em reconhecimento das facilidades concedidas para a efectivação daquelas reuniões.

A guarda de honra foi prestada pelos escoteiros e o Sr. Com.te Tenreiro recebeu a medalha de ouro de «Dedicação e Bons Serviços» de seu pai, Sr. Com.te António dos Santos Tenreiro, e os dois funcionários a medalha de prata.

O escoteiro chefe geral, Sr. Eng.º Nobre Santos usou da palavra para agradecer os bons serviços prestados pelos homenageados, a que deu especial relevo, e o particular carinho que o ilustre oficial tem sempre dedicado ao Escotismo.

O Sr. Com.te Tenreiro agradeceu a homenagem dos escoteiros, elogiando as excepcionais aptidões do Escotismo como movimento educativo para a juventude, tendo recordado os tempos em que militou nas fileiras desta organização.

Como oferta da Colónia, no final foi servido aos escoteiros um suculento copo de água.

— • • o • • —

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

Problemas associativos

Prevaleceu o bom senso

Conforme estava anunciado, efectuou-se na sede da A. E. P., no dia 19 de Setembro, a anunciada reunião para estudar a crise associativa e sugerir nomes para a presidência. Estavam presentes alguns Chefes do Grupo, alguns antigos escoteiros, e entre estes alguns antigos dirigentes associativos que na Direcção Central prestaram bons serviços, e a Direcção da A. E. P. Presidiu o Escoteiro-Chefe Geral Sr. Eng.º Nobre Santos.

Foi finalmente apresentada a pretensa reforma dos Estatutos. Tratava se de um projecto tendente a colocar todo o poder associativo nas mãos do Escoteiro-Chefe Geral que seria directamente eleito pela Conferência de Dirigentes. Certamente que esse tal Escoteiro Chefe Geral já estaria indigitado e teríamos assim o Movimento nas mãos de um só indivíduo, super-conhecedor do Escotismo, que imporia a seu livre arbítrio tudo o que estivesse na sua vontade. Reconheçamos que o que tais elementos pretendem não é escotismo nem nada que se lhe possa assemelhar. Felizmente que a presença de antigos escoteiros fez abortar a conspiração. A Direcção da A. E. P. resolveu — e bem — pôr de parte a sugestão de reforma dos Estatutos.

Todos aqueles que têm dado, através de 40 anos de vida associativa, o seu esforço e a sua dedicação à A. E. P. ficam assim conhecedores das intenções de alguns elementos que procuram instalar-se nos Serviços Centrais e transformar o Escotismo em algo irreconhecível. Estes factos encarecem o momento que os Escoteiros de Portugal agora vivem e chamam a nossa atenção para a necessidade de encontrar um novo Presidente que, sendo Escoteiro, esteja disposto a assumir a Chefia do Movimento e a conduzi-lo por caminhos seguros de reorganização e progresso.

Precisamos de um presidente que não represente um «grupinho», mas seja de facto o Chefe dos Escoteiros de Portugal, disposto a cooperar com todos em bases de tolerância e mútua compreensão. Se não encontrarmos esse presidente, a A. E. P. correrá o risco de se perder e com ela perder-se o esforço de 40 anos de dedicações.

O que o cinema nos oferece

(Conclusão da 1.ª página)

se levantam contra as medidas reclamadas, nada têm conseguido neste sentido, e os adolescentes lá continuam à mercê da propaganda delectéria.

É pena que um mercantilismo de vistas curtas impeça que um tão excelente meio educativo e cultural caminhe deliberadamente para uma ampla produção caracterizada pela elevação moral e sanidade espiritual dos seus temas.



Os "Castores" jogaram bem

Há mais de uma hora que a Patrulha Castor buscava porfiadamente atravessar a estrada. Quatro dos seus escoteiros já tinham sido «mortos» pela tribo dos Búfalos, que bem colocados vigiavam aquela via em toda a extensão do terreno assinalado para o jogo. O bosque oferecia óptima protecção, tanto mais que os medronheiros davam esconderijos seguros. Mas atravessar aqueles seis metros alcatroados que separavam aquela margem da outra onde o «tesouro» estava escondido, esse era o problema, porque os Búfalos eram «finos».

A Patrulha saíra de madrugada da sede a caminho do outeiro. Ao entrar na azinhaga, que liga a povoação ao Casal da Serra, depararam-se-lhe pegadas de um grupo de pessoas que alí deveria ter passado recentemente. Toda a patrulha se pôs a examinar a estranha pista. — A pista é recente — bradou o Rui — estas ervas notam-se que foram pisadas há minutos, a seiva brota delas. — E quantos seriam? — indagou o Guia.

Todos procuraram estudar a pista. — São mais de seis — gritou o Jaime. — São oito — declarou peremptòriamente o Júlio — já identifiquei oito tacões diferentes.

Seguir uma pista é coisa emocionante para uma patrulha. E os «Castores» tinham já fama de excelentes seguidores de pistas. Raro era o dia feriado em que eles se não embrenhavam no bosque seguindo pistas de animais, de carruagens, de pessoas. Por isso o guia gritou com emoção: — Vamos seguir esta pista!

Durante hora e meia a patrulha caminhou azinhaga fora identificando as pegadas do estranho Grupo. Ao fim de uma boa jornada, chegaram a um velho moinho. Notavam-se vestígios de que o grupo tinha estado no moinho. Havia alí sinais de quem tinha parado a merendar. A patrulha, observando bem, conseguiu descobrir um troço de de terra recentemente mexido. Cavando um pouco, foi fácil encontrar bocados de papéis de embrulho com sinais evidentes de terem servido a comida. Alguém tinha comido pão com queijo, outros pão com marmelada e havia ainda um que se tinha batido valentemente com bacalhau assado. A patrulha sentia-se satisfeita com a descoberta. E a busca ao velho moinho prosseguiu. Nisto, o Rui afasta uma pedra e surge um levantamento topográfico ligeiro e uma mensagem escrita em morse.

Esta foi ràpidamente traduzida e dizia: *A tribo dos Búfalos acaba de passar neste local e segue à vossa frente procurando apoderar-se de um precioso «tesouro» que se encontra escondido noutro moinho a 3 quilómetros na direcção noroeste. Mas o «tesouro» pertencerá aos Castores se estes conseguirem descobri-lo dentro de três horas. Para isso é necessário encontrar o moinho no terreno assinalado no mapa junto, atravessando a estrada nacional entre os quilómetros 107 e 108. Os Castores podem usar de todos os disfarces para atingir o moinho, mas não podem servir-se de qualquer veículo. A tribo dos Búfalos, está disposta a defender tenazmente o «tesouro» e «matará» com uma bola todos os Castores que puder atingir. Descoberto e alcançado o «tesouro», ele ficará na vossa posse.*

O mapa foi ràpidamente estudado, orientado pela bússola, e assinalado o terreno onde o moinho se encontraria. A Patrulha dispersou e começou a avançar em exploração. Passado algum tempo foram assinalados os primeiros Búfalos. A Patrulha alterou a marcha e, encobrindo-se no mato, conseguiu iludir a vigilância «inimiga» e alcançar a margem da estrada, nos quilómetros assinalados. Aí se encontrava já há uma hora sem conseguir vencer a vigilância dos Búfalos. Estes tinham feito um estudo cuidadoso daquele quilómetro de estrada e ocupavam posições verdadeiramente estratégicas. Quatro Castores «mortos» era o resultado das tentativas feitas para vencer o obstáculo.

Numa azinhaga transversal à estrada, um casal, dentro de um automóvel, acompanhava curiosamente o exercício dos escoteiros e condoeu-se da situação dos Castores, que davam já o jogo por perdido, lamentando o insucesso dos seus esforços. Então o cavalheiro aproximou-se dos quatro Castores que restavam e ofereceu-se para os passar dentro do carro para o outro lado. Estes consultaram-se mùtuamente. — A patrulha está perdida. Esta é a única solução. Ninguém saberá como nós passámos e, assim, conseguiremos ganhar».

Aceitaram, portanto, a oferta e, enfiando no automóvel, foram ràpidamente transportados ao outro lado. No momento, porém, em que a porta do carro se abria para dar saída ao Guia, este, como que sacudido por um choque eléctrico, bradou indignado consigo próprio: — Mas eu sou escoteiro! Nós somos escoteiros! Esta acção não é bonita, nem própria de escoteiros.

— Nós precisamos é de ganhar! — bradou um dos Castores. — Não há jogo sem regras — retorquiu o Guia. — Nós devemos ser, sobretudo, «bons jogadores». Devemos cumprir as regras do «nosso jogo» como cumprimos as regras da «nossa vida». O nosso fim não é ganhar, o nosso fim é *jogar bem* e os Castores devem *jogar bem.* Ser leal no «jogo» é o grande ideal escoteiro.

— Tens razão, guia — bradaram todos. — Nós devemos ser sempre leais. Façamos lealmente o nosso jogo, porque, se o perdermos, ficaremos alegres por ter cumprido «a regra do jogo». Amigo, perdoe-nos, mas, por favor, torne a levar-nos para o outro lado. Queremos continuar o nosso jogo lealmente. A lealdade é a coisa mais bela do jogo, o ornamento mais formoso da vida, o verdadeiro timbre do escoteiro.

A Patrulha «Castor» não conseguiu atravessar a estrada. Todos os seus elementos foram «mortos» na tentativa de vencer o obstáculo. Perdeu o jogo, mas «jogou bem» e ganhou um amigo para o Escotismo. O automobilista é hoje um dedicado e sincero dirigente escoteiro.

LOBO VELHO

A Fraternal dos Antigos Escoteiros e a Conferência de Dirigentes

Em vésperas de reunir a Conferência de Dirigentes dos Escoteiros de Portugal, importa dar a conhecer o que diz o Regulamento da Fraternal sobre a Conferência, pelo que transcrevemos o seu art.º 14.º:

De acordo com o § 3.º do artigo 13.º dos Estatutos da A. E. P. a «Fraternal» será representada na Conferência de Dirigentes:

a) pelos cinco membros da presidência que poderão delegar em quaisquer dos restantes membros dos corpos gerentes.

b) pelos delegados das delegações da «Fraternal» que se poderão fazer representar por um antigo-escoteiro, membro da «Fraternal» devidamente credenciado.

A Presidência da Fraternal tem a seguinte constituição:

Presidente — Comandante Álvaro de Melo Machado. Vice-Presidente — Rev. Eduardo Moreira. Vice-Presidente — Dr. Francisco Cortez Pinto. 1.º Secretário — Dr. Leopoldo de Figueiredo. 2.º Secretário Prof. Dr. Délio Nobre Santos.

Contacto Superficial com o Existencialismo



Numa rua do centro da minha cidade há um café chamado «Sésamo». É um recinto pequeno e sem nada de especial, ao fundo do qual se encontra uma escada íngreme e estreita por onde se desce até à cave, a qual é constituída por um par de dependências de forma irregular e tectos abobadados, pelas quais estão espalhadas várias mesas e cadeiras. A um lado, sobre um estrado de madeira, um piano sem pretensões. Iluminação deliberadamente deficiente e paredes de um branco sujo sem brilho, nas quais diversos pintores modernistas pintaram tudo o que a sua imaginação picassiana quis, sem ordem nem equilíbrio, sem constituir um todo harmónico. É como se um tropel de crianças, providas de tintas e pincéis, tivesse sido autorizado a pintar a seu bel-prazer naquelas paredes. Entre as estranhas pinturas, há letreiros, também pintados nas paredes; num deles lemos: «São as covas o último alento das almas esfarrapadas do caminho, fugitivas do céu e do sol». Outra transcreve aquela frase de Machado: «O ruído de uma pàzada de terra caindo sobre um ataúde, é uma coisa muito séria». A par desta incongruente filosofia, outros dísticos que, em letras vermelhas sobre papel branco, proclamam a prosaica realidade da vida: «Bocados de presunto 7 pesetas. Jarra de sangria (1) 9 pesetas».

Sentadas às mesas, diversas pessoas, homens na sua maioria e quase todos jovens. Três ou quatro têm barbas e no vestir de quase todos há um desalinho que por vezes se aproxima bastante da sordidez. Pouco serviço nas mesas e quase tudo consumo barato.

Poucos grupos; um par de mesas com grupos numerosos e gesticulantes, porém, os clientes solitários imperam, ainda que dois ou três deles ocupem a mesma mesa. Ao piano sentou-se um homem que, com mãos trôpegas, vai teclando algo que ninguém escuta. Perto dele, direito, rígido, com as mãos cruzadas adiante da cintura e o olhar perdido num horizonte inexistente, está o tipo mais curioso de todos os que há na cave: um jovenzinho, pálido e delgado, de barba avermelhada e escassa, o qual veste uma coisa semelhante a um «anorak» de cor «*beige*», calças negras estreitíssimas, amarrotadas e sem vinco, botas de amarelo-canário e um lenço furta-cor ao pescoço...

Tal é o que num primeiro volver de olhos pude ver no que, na minha cidade, chamam uma cave existencialista.

* * *

Ocupei uma mesa bem situada, e passei algumas horas vendo e analisando tudo o que se desenvolvia perante os meus olhos, tratando de penetrar na essência dessa filosofia existencialista que tão em moda parece estar.

À minha esquerda, ocupavam uma mesa duas raparigas que pareciam estudantes. Falavam negligentemente e em voz baixa e fumavam cigarros. Uma vez, um rapazito sentou-se à sua mesa sem dizer palavra, mas elas despediram-no com um frio «preferimos estar sós». O jovenzito, sempre em silêncio, retirou-se para outro lugar.

À minha direita estava a que parecia ser uma personagem importante daquela reunião; uma mulher gorda, um tanto ordinária, pouco cuidada no vestir e cuja idade aparentava 50 anos. A maior parte dos que rondavam a «cave» chamava-lhe «mamã Nati». Quando entrei, havia junto dela uma outra mulher a quem «mamã Nati» tratava de convencer a que «vivesse a sua vida». Depois, a mulher foi-se embora e «mamã Nati» ficou só.

Um rapaz que, num canto, havia estado escrevendo febrilmente uns versos, subiu ao estrado do piano e lê, com ar solene, alguma coisa que parece uma poesia e que ninguém escuta. O piano continua soando destemperadamente e o jovem pálido e delgado mantém sua postura imperturbável, em êxtase; acabada a leitura, o rapaz da poesia volta de novo à sua mesa e põe-se a escrever.

«Mamã Nati» pede-me um cigarro. Digo-lhe que não fumo e ela pergunta-me se também «sou dos seus».

—Não, por agora apenas me move a curiosidade, o desejo de ver de perto isso que chamam existencialismo.

— Isto está cheio de profunda espiritualidade. Os cérebros traba-

(1) Bebida refrigerante muito usada em Espanha, feita com vinho, água e açúcar.

(Conclui na 5.ª página)

A Interdependência Humana

POR JOSÉ TEIXEIRA

Somos membros uns dos outros.
Efésios 4:25.

Em todos os aspectos do nosso mundo verifica-se a interdependência. As árvores precisam do solo, da água, do ar, da luz para poderem ter a vida. Os animais não poderiam subsistir se não houvesse a vegetação, que por sua vez depende da terra. A terra para poder produzir necessita do auxílio da água e do ar. Deste modo há uma troca constante entre os seres do nosso planeta; para existir um é preciso que haja o outro. E essa interdependência é uma realidade também na vida humana. Antes de vir ao mundo, o homem está inteiramente ligado à sua mãe; nasce, cresce, vive e morre, necessitando de alguém que o ajude a sobreviver.

Como teria o homem vida se não fossem seus pais? Como poderia continuar sobrevivendo se não houvesse o lavrador que semeia e colhe os víveres para a sua nutrição? Como poderia ter saúde, se não fosse a luz do sol, se não houvesse o ar puro para a sua respiração? Como cobriria a sua nudez, se lá atrás dos bastidores não estivesse alguém trabalhando horas a fio, tecendo a sua roupa? Na vida física o homem é um ser dependente.

E quanto ao conhecimento que adquire, como poderia ter noção das coisas e uma visão maior da vida, se não fossem os livros, que alguém escreveu com muito esforço, se não fossem os professores, se não fosse a natureza que o cerca? E na confecção daqueles livros quantas e quantas pessoas não dispenderam o seu tempo e energia?

E não é só isto, os homens prendem-se também moralmente. São Paulo dizia: «Somos membros uns dos outros». É por sermos membros uns dos outros que sofremos quando vemos outros sofrer. E hoje o mundo é uma vizinhança, sabemos dentro de um minuto quando há uma catástrofe em qualquer parte, e sentimos os sofrimentos daquelas pessoas. A nossa felicidade está na razão directa do bem-estar alheio. Não se pode ser feliz quando alguém de nossa casa está doente. Somos membros de uma só família, e não se compreende um mundo, onde as nações não vivam em função umas das outras, assim como não se entende um lar, cujos membros não vivam entre si ligados pelos laços do amor.

No terreno espiritual seria o homem interdependente? Acredito que sim. Jesus quando ensinou a

(Conclui na 5.ª página)

Contacto Superficial com o Existencialismo

(Conclusão da 4.ª página)

lham intensamente vivendo cada momento da sua existência. Não te parece maravilhoso?

— É possível que o seja. Mas a minha impressão até agora é de que estou entre loucos ou desnorteados. Não posso conceber que esse que está plantado junto ao piano esteja dedicado a um trabalho útil para si ou para a sociedade.

— Isso não importa. O importante é ele. Não vês a inquietude que se reflecte no seu rosto? O fogo dos seus olhos?

O piano havia deixado de soar. Um par, homem e mulher, estreitamente enlaçados, bailam. As duas raparigas da minha esquerda pagam e saem. Quase ao pé da escada, um dos clientes agarra uma delas e dá-lhe um demorado beijo, que ela recebe fria e silenciosamente como se não fosse com ela. «Mamã Natí» e eu falámos um pouco. Ela procura pintar-me as excelências do existencialismo, ainda que realmente não saiba dizer-me em que consistem; sem querer, demonstra a vacuidade de uma filosofia que carece de objectivo...

* * *

Quando decido ir-me embora, a «cave» está no apogeu. Um novo aficionado debulha escalas no piano e o rapaz escritor está lendo outra vez. O par continua bailando e há um outro homem que dança sòzinho uma coisa parecida com os bailados religiosos dos mouros. O rapaz do êxtase sentou-se a uma mesa onde quatro clientes discutem em voz alta, e mantém oculta a cara entre as mãos. «Mamã Natí» dormita diante de uma chávena de café vazia. A atmosfera é cada vez mais densa e o fumo vela a luz das lâmpadas...

Na rua respira-se melhor. Numa pequena praça, deserta a estas horas, sento-me num banco ao pé de uma velha acácia. Por entre os ramos vê-se um pedacito de céu e algumas estrelas. Tudo é serenidade. E esse pedacito de céu em que cintilam meia dúzia de estrelas enche de paz o meu espírito, de tranquilidade a minha alma, de repouso o meu corpo. A minha imaginação voa até às montanhas, até aos bosques, até Deus, e sinto pena da humanidade.

Além atrás, numa cave cheia de fumo, ficou um punhado de loucos, seguidores de um ideal que não parte de nenhum lado e a nenhum lado conduz, amantes de uma doutrina que só leva em seu fundo germes destrutivos, uma filosofia negativa, retrógada, sem ontem nem amanhã, sem amor a nada nem a ninguém, com um vazio imenso, terrível...

* * *

Pus de novo a minha insígnia escoteira na lapela — guardei-a para entrar na «cave» — e entre o silêncio da cidade adormecida, e, debaixo da luz de meia lua, afastei-me para sempre do existencialismo.

ENRIQUE GENOVÉS
Ojo de Lince

Madrid, Julho de 1952.

A Interdependência Humana

(Conclusão da 4.ª página)

oração modelo, na parte em que diz: «Perdoa as nossas dívidas assim como nós perdoamos aos nossos devedores», queria significar que o perdão que iremos receber de Deus dependerá do perdão que daremos ao nosso semelhante. Portanto, para termos a vida espiritual que é comunhão com Deus, precisamos viver em boas relações com o nosso próximo.

«Somos membros uns dos outros», e por falta de compreendermos este grande ensinamento ético de São Paulo é que as igrejas hoje vivem digladiando-se, impedindo assim a marcha do Cristianismo. É por não entendê-lo em toda a sua extensão que os lares não vivem em paz. É por desconhecerem a sua estrutura, que as nações vivem numa guerra sem fim.

Somos seres interdependentes. Quase todas as nações do mundo já proclamaram a sua independência. Houve um dia na história em que, guiadas pelo espírito de liberdade, deram o seu brado de independência. Mas falta-lhes proclamar a sua interdependência. Somos membros um dos outros, somos uma só família. Hoje a ciência fez do nosso mundo uma vizinhança, mas é preciso fazer desta vizinhança uma irmandade.

Jamais viveremos num mundo de paz, enquanto não reconhecermos que somos membros uns dos outros, e por isto temos deveres e obrigações recíprocas. Cada nação, cada indivíduo quer proclamar, o mais depressa possível, a sua independência económica e política, moral e religiosa. Acredito que tudo isso seja necessário, todavia, não nos podemos esquecer de que urge proclamar a nossa interdependência.

Cruz de Malta — BRASIL

O ESCOTISMO ATRAVÉS DO MUNDO

Canadá

Os Escoteiros do Canadá promovem o seu segundo Acampamento Nacional, de 18 a 26 de Julho de 1953, no Campo Connaught, perto de Otava. Também a Associação Canadiana de Escoteiros dirigiu convites às associações escoteiras estrangeiras para se fazerem representar neste grande acampamento.

«Boletín Scout de las Américas»

O Boletim Escoteiro das Américas passou a ser publicado impresso e apresenta-se com bom aspecto gráfico e excelente papel. Insere artigos de interesse escotista, especialmente técnico, noticiário e informações diversas. É publicado pela repartição para o Hemisfério Ocidental da «Repartição Internacional de Escotismo», sob a direcção do General D. C. Spry e Eng.º Salvador Fernández. A sua redacção é em Havana, Cuba.

Cuba

Curso de Insignias de Madeira

A Associação dos Escoteiros de Cuba efectua o seu próximo Curso de Insígnia de Madeira, ramo Escoteiro, de 26 de Dezembro próximo a 4 de Janeiro de 1953, nos arredores de Havana, tendo dirigido convites às associações escoteiras da América latina para enviarem concorrentes.

Jamboree do Pacífico

De 29 de Dezembro a 9 de Janeiro de 1953 vai realizar-se em Greystanes, perto de Sidnei, Nova Gales do Sul, Austrália, o «Jamboree» do Pacífico, esperando-se a comparticipação de alguns milhares de escoteiros de Borneo, Ceilão, Fiji, Grã-Bretanha, Hong-Kong, Índia, Indo-China, Indonésia, Malaia, Nova Guiné, Nova Zelândia, Filipinas, Pasquistão e África do do Sul.

PELOS GRUPOS

Grupo n.º 40 — Setúbal

Este grupo realizou nos dias 23 e 24 de Agosto um acampamento na Quinta da Comenda. Na noite de sábado, perante numerosa assistência, prestaram compromisso de honra 3 novos escoteiros.

O chefe do grupo e o guia de secção dirigiram os trabalhos de campo e jogos escotistas.

No dia 14 de Setembro, durante um bivaque, alguns escoteiros prestaram provas de 3.ª classe e no dia 28 prestaram compromisso de honra 2 novos escoteiros, tendo-se realizado, para esse efeito, um novo bivaque.

Grupo n.º 79 — Lisboa

Na Quinta da Moura, entre Laveiras e Barcarena, este grupo realizou um acampamento de férias, sob a direcção do seu dirigente Sr. A. Lobo de Carvalho. Nesta actividade tomaram parte três escoteiros que receberam instrução de adestramento para guias de patrulha.

Dos amigos do "Sempre Pronto"

Doente — Acometido subitamente de uma grave enfermidade visual, partiu para Espanha para consultar um especialista o nosso prezado Amigo e assinante Sr. Luís Simões Aurélio, que já foi submetido a duas operações cirúrgicas, com êxito.

O «Sempre Pronto» faz votos de um pronto e completo restabelecimento.

● **De Luto** — No dia 29 de Setembro último, faleceu, com 59 anos de idade, a Sr.ª D. Hermínia d'Assunção Gonçalves Constantino, sócia auxiliar do Grupo 94 e esposa dedicada do nosso caro amigo Sr. Alberto Constantino, digno gerente da Ottosgráfica Lda., e mãe da Sr.ª D. Georgete Gonçalves Constantino Vicente e Ruben Gonçalves Constantino, e sogra do Sr. Jorge Vicente, antigo escoteiro do Grupo 94.

O funeral constituiu uma sentida manifestação de pesar e realizou-se para o Cemitério da Ajuda, tendo-se o «Sempre Pronto» feito representar pelo seu administrador Sr. Capitolino Ferreira Macedo.

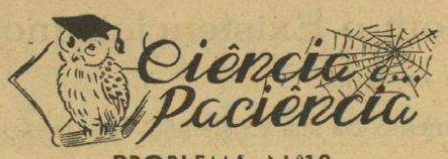
Os serviços religiosos foram dirigidos pelos nossos estimados assinantes Pastores Rev. Dr. G. Azevedo Mayer e Paulo Valon.

Apresentamos sentidas condolências a toda a família enlutada, particularmente ao nosso dedicado amigo Sr. Alberto Constantino

O Acampamento do C. N. E.

Por ocasião do acampamento nacional do C. N. E., foi publicado diàriamente, sob o título «O NONO», um interessante jornal de campo que traduziu bem a vida do acampamento, com noticiário, notas técnicas e humorismo.

O C. N. E. teve a gentileza de nos remeter a colecção dos numeros publicados, que muito agradecemos.



PROBLEMA N.º18

Com os grupos de letras publicadas em baixo forme dissílabos com os seguintes significados:

Azedo	Suco
Beca	Culpa
Garra	Empunhar
Concedido	Onda
Trabalho	Restos
Bom senso	Enfeite
Pasto	Içar
Resto de vela	Mulher nobre
Canção religiosa	Juntar
Catafalco	Penúria
Lepra	Irra!
Semelhante	

AC—AF—AL—AP—AR—AS—CO—ÇO
DA—DA - DI—DO—EN—ER—ES—FA—
FA—GA—GA—GA—GA—HA—HI—IM—IN
IR—IR—MA—MO—NO—OB—RA—RA
RE—RE—RO—SA—SI—SO—SU—TO—
TO—UN—UN—VA—XE

Com as primeiras letras de cada palavra encontrada forme um conhecido provérbio português.

SOLUÇÃO N.º 15

Quem tarde vier comerá do que trouxer

SOLUÇÃO DO N.º 16

Xeque	Freto	Breve
Chufa	Sacar	Fasto
Prega	Quedo	Piquê
Tampo	Zunir	Chuça
Bobos	Chufa	Frete
Treno	Lance	Ancho
Limbo	Racha	Greta
Futre	Trato	

PROVÉRBIO

Quem bem tece nunca esquece

ESCOTISMO NA CAPITAL

GRUPO N.º 10

No domingo, dia 26 do corrente, às 21 horas, realiza-se na Rua de São Bento, 636, um serviço religioso evangélico de acção de graças pelo primeiro ano de actividades deste grupo.

Prestarão Compromisso de Honra novos escoteiros e o Rev. Dr. Manuel Conceição Jr. fará um sermão dedicado aos escoteiros, assistindo ao acto escoteiros doutros grupos de Lisboa.

Prof. Dr. Marcelo Caetano

No sábado, 18 do corrente, regressou da viagem às nossas províncias ultramarinas o nosso ilustre amigo e assinante Sr. Prof. Dr. Marcelo Caetano, antigo Escoteiro-Chefe, a quem apresentamos cumprimentos de boas-vindas.

O «Sempre Pronto» na Áustria

Por ocasião de uma magnífica excursão às montanhas austríacas, e em recordação do «Jamboree» de 1951, o Sr. Eng.º Frederico Kreindl teve a amabilidade de dirigir saudações ao «Sempre Pronto» e aos escoteiros portugueses que estiveram naquele grande «Jamboree», saudações que agradecemos e retribuímos.

O «SEMPRE PRONTO»
vende-se na **Tabacaria Boa-Hora**
Rua Nova do Almada, 46 — LISBOA



1 - caminho a seguir; 2—caminho a evitar; 3—espere aqui; 4—carta escondida a três passos, na direcção da flecha; 5—voltei para casa; 6—entrámos no campo; 7—atravesse dois obstáculos; 8—acampamento na direcção da seta; 9—água potável; 10—água imprópria para beber; 11—perigo; 12—espere aqui vinte e cinco minutos; 13—fim de pista; 14—passe o obstáculo; 15—princípios de jogos ou amigos; 17—fins de jogos ou inimigos; 18—obstáculos nas duas direcções; 19—volte pelo mesmo caminho; 20—caminhe em sentido inverso; 21—seguir a toda a pressa na direcção da flecha; 22—lenha boa para queimar; 23—assinatura do escoteiro n.º 1 (guia) da patrulha Águia do grupo n.º 94 de Lisboa.

NOTA—Sinal n.º 4, quando indica uma mensagem escondida a mais de três passos deve ter o número desses passos inscritos num dos triângulos que o compõem; sempre que a assinatura (sinal n.º 22) for de qualquer outro escoteiro que não o guia, terá, em vez do n.º 1, o número deste escoteiro.

metros; nos caminhos difíceis, conforme a dificuldade do terreno.

8.º — Numa encruzilhada devem marcar-se com o sinal *caminho a evitar* todos os caminhos não utilizáveis.

Para seguir uma pista é também necessário observar certas regras. Eis as principais:

1.ª — Colocarmo-nos no lugar de quem traçou a pista e seguir sempre, tanto quanto possível, a direcção indicada pela flecha;

2.ª — Recordarmo-nos sempre perfeitamente do lugar do último sinal encontrado;

3.ª — Não procurarmos sinais onde não possam existir, perdendo tempo ou fugindo do caminho até aí seguido com êxito, e quebrando assim o raciocínio que vínhamos fazendo;

4.ª — Admitirmos sempre que qualquer sinal possa ter desaparecido independentemente da vontade de quem o traçou;

5.ª — Não corrermos ou mesmo caminharmos sobre a pista, porque podemos assim apagar ou não ver qualquer sinal;

6.ª — Verificarmos sempre com o máximo cuidado se qualquer sinal encontrado faz ou não parte da pista seguida;

7.ª — Se não formos o último a seguir a pista devemos deixá-la intacta; no caso contrário, devemos apagá-la cuidadosamente.

10 — Jogo do Quim (pelo menos 16 objectos entre 24)

Kimball O'Hara, abreviadamente Kim, era filho de um sargento irlandês que serviu num regimento de India.

Muito cedo órfão de pai, foi educado em casa de uma tia de condição modesta, que habitava igualmente nessa

normal, devem dizer no fim, o número de quadrados de cada cor. Deve notar-se que não é permitido tomar qualquer apontamentos, nem efectuar o percurso com andamento inferior a 12 minutos por quilómetro.

* * *

As diferentes formas de jogar o Quim são muito interessantes e úteis. Os escoteiros não devem limitar-se a realizá-las uma vez só e para satisfazer a prova; antes devem treinar-se na sua prática continuamente, até desenvolverem o mais possível a sua memória visual, auditiva e olfactiva, o que um dia, na vida, lhes trará por certo grandes vantagens. Lendo a biografia de Lord Baden-Powell, o fundador do Escotismo, temos ocasião de verificar eloquentemente que assim é: na India e na Africa, como em todas as paragens coloniais onde teve que exercer a sua actividade de grande militar e patriota devotado, a sua prodigiosa memória auditiva, visual e olfactiva, educada e desenvolvida por práticas e jogos semelhantes ao do Quim, foi muitas vezes o factor primordial do seu triunfo: chegou à perfeição de distinguir a grandes distâncias, só com o auxílio do seu olfacto prodigioso, as castas dos indígenas e as espécies dos animais que se aproximavam.

11 — Aplicar os seguintes nós: direito, cabeça de coiovia, correr e encurtar

Saber dar um nó é indispensável a toda a gente, sobretudo ao escoteiro que, nas suas escaladas e travessias de rios, nas pontes que constrói, confia muitas vezes a vida a um nó.

Mas não é só aí que um nó é importante para o escoteiro. Nas mínimas ocorrências da sua vida de campo para armar a sua barraca, para construir o seu abrigo, para subir ou derrubar uma árvore, para transportar feridos, para tirar água de um poço, etc., o escoteiro não pode dispensar um nó.

Por isso traz sempre consigo, quando no campo, uma espia de 5 a 10 metros de comprimento, que deve saber

e aos domingos e dias feriados deve ser içada à porta ou no acampamento, sempre no ponto mais alto, sandando-a todo o grupo em parada.

Se é colocada num pilpito, fica à direita do orador e a bandeira escoteira ou outra a esquerda. Se é colocada na parede fica acima da cabeça do orador.

Se as bandeiras são colocadas em arco, a bandeira nacional fica ao centro e, portanto, no ponto mais alto. Quando duas ou mais bandeiras forem colocadas no mesmo mastro, a nacional fica no ponto mais alto.

Quando arvorada a meia haste (sinal de luto) sobe primeiro ao ponto mais alto do mastro e depois é que desce a meia altura do mesmo.

Quando em formatura é ordenada sandação, a bandeira nacional não acompanha as bandeiras escoteiras no movimento de sandação e permanece erguida. A Bandeira Nacional não faz sandação.

Devemos prestar sempre as maiores manifestações de respeito à Bandeira Nacional, como símbolo da Pátria. Por isso nunca devemos consentí-la hasteada à porta de tabernas ou lugares impróprios ou transportá-la em charola, sem ordem nem decoro.

8 — Recitar a primeira estrofe do Hino Nacional

O Hino Nacional representa a tradução do sentimento patriótico pela música, em acordes sublimes que invocam a grandeza, as tradições, a honra e a fama da nossa gloriosa e linda terra.

A ideia da Pátria, que a bandeira nacional encerra no seu simbolismo, é aqui representada por um canto comovente, que nos apaixona e entusiasma: «A Portuguesa», cuja música e letra foram escritas em momentos de sublime inspiração, respectivamente por Alfredo Keil e Henrique Lopes de Mendonça.

Todo o escoteiro, como todo o português, deve saber recitar ao menos a primeira estrofe do Hino Nacional e aprender também a música, para cantar nas festas patrióticas e nos dias felizes da nossa Pátria.

O Hino Nacional deve ser sempre ouvido de pé e fa-

9 — Principais Sinais de Pista

Os escoteiros, nas suas excursões e passeios e nos seus exercícios de campo, têm muitas vezes necessidade de deixar uma indicação aos companheiros que venham na retaguarda ou que devam passar pelo local onde se encontram. Usam para isso uns sinais cuja significação só eles conhecem.

É, portanto, um meio simples de comunicar para a retaguarda, mantendo a ligação entre os escoteiros que marcham separados por distâncias consideráveis, avisando-os se existe perigo, água boa para beber, ou indicando-lhes gente amiga, ou o caminho a seguir, etc.

Há um grande número desses sinais, podendo os escoteiros convencionar outros entre si, de harmonia com as necessidades.

Para bem traçar uma pista devem ser observadas as seguintes regras:

1.º — Os sinais devem ser traçados sempre do lado direito do caminho e com a assinatura do escoteiro que traçou a pista no primeiro e último sinais;

2.º— Deixar os sinais bem visíveis: na terra, gravando-os com a vara ou qualquer outro objecto; nas pedras, desenhando-os com giz amarelo; nas rochas, com giz vermelho; nos troncos das árvores, com giz branco; nos prados, com bocados de madeira ou pedras dispostas no chão por forma a desenharem o sinal; nas matas, com ramos e folhas interlaçadas ou papéis pregados nos troncos;

3.º — Não se devem utilizar sinais feitos em papel, quando houver vento;

4.º— Nunca traçar sinais em troncos de árvore, rochas ou paredes a mais de um metro de altura;

5.º—Nunca traçar sinais de forma tal que se sujem as paredes ou os muros das habitações, mesmo rurais;

6.º — Nos lugares muito frequentados devem colocar-se sempre dois sinais seguidos, para prever o caso de algum se apagar;

7.º — Os sinais devem ser traçados às seguintes distâncias uns dos outros: nas matas, de 20 em 20 metros; nos prados, de 30 em 30 metros; nas rochas, de 5 em 5 metros; nas estradas, ruas e caminhos fáceis, de 50 em 50

NOMES DOS ESCOTEIROS / NOMES DOS OBJECTOS	Aparo	Chapéu	Dardo	Espia	Garfo	etc.
João						
António						
Pedro						

Os escoteiros observam os objectos, um por cada vez, e enquanto um procede a essa operação, o dirigente do jogo anota na sua relação os nomes que lhe diz o que lhe antecedeu na observação.

* * *

Apesar de só esta maneira de jogar o Quim ser pedida pela prova, é conveniente todos os escoteiros aprenderem algumas outras, não só por serem bastantes interessantes mas também pela sua utilidade. Eis, pois, algumas:

Quim «auditivo»: O jogador, de olhos fechados ou vendados, deve reconhecer a proveniência exacta dos ruídos produzidos junto de si, enumerando os objectos que os produziram por sua sucessão.

Quim «olfactivo»: O jogador, com os olhos fechados ou vendados, deve conhecer uma série de objectos, pelo cheiro e sem lhes tocar, enumerando-os pela ordem porque lhes forem apresentados.

Quim «pista»: Escolhe-se um itinerário bem marcado por sinais de pista, espalhados por todo o percurso, bem à vista, quadrados de papel colorido (verde, amarelo, vermelho, azul, branco e preto) com 10×10 centímetros. Os jogadores percorrendo o itinerário marcado, em passo

parte da Ásia. Acompanhava frequentemente um velho sacerdote nas suas viagens através do país, o que lhe valeu tomar conhecimento perfeito das regiões atravessadas, dos seus habitantes e respectivos costumes.

Certo dia foi encontrado pelo regimento em que seu pai servira, cujo chefe de exploração o colocou ao seu serviço, por o ver tão inteirado dos habitantes, conhecedor da sua língua, que aprendera em criança com os seus companheiros de brincadeira, e vestindo correctamente o trajo indígena. Convencido das qualidades excelentes de Kim, Lurgan — assim se chamava o chefe do serviço de exploração,—dedicou-se a ensinar-lhe a observar e a fixar os pormenores aparentemente menos importantes de todos os factos que se passavam à sua volta.

Um dos exercícios consistia em mostrar-lhe durante um minuto, um prato com diversos objectos, que em seguida escondia, mandando Kim mencionar o que tinha visto.

É a este passatempo que os escoteiros chamam «Jogo do Quim» o qual pode apresentar, no entanto, diversas formas ou maneiras de jogar.

* * *

A forma de jogo a que se refere esta prova, chamada **«Quim visual»**, executa-se da seguinte maneira:

Sobre uma mesa dispõem-se 24 objectos diferentes, colocados de modo que se avistem todos sem dificuldade.

O escoteiro que está tirando a prova e que não faz a menor ideia dos objectos expostos, porquanto os não viu anteriormente, observa-os durante um minuto. Decorrido este tempo, afasta-se da mesa e diz de memória à pessoa que está dirigindo o jogo, o nome dos objectos de que se recorda, satisfazendo a prova quem enumerar pelo menos dezasseis.

Quando são muitos jogadores pode-se elaborar uma relação dos escoteiros e dos objectos expostos, estes descritos por ordem alfabética.